



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia e jantar de celebração do Dia Nacional da Comunidade Árabe no Brasil

São Paulo-SP, 25 de março de 2010

Bem, meus companheiros e minhas companheiras,

Eu vou falar muito pouco porque temos que viajar ainda hoje à noite para Ilhéus, porque amanhã nós vamos inaugurar um grande gasoduto, ligando todo o Sudeste ao Nordeste brasileiro, e foi a primeira grande parceria que o nosso país construiu com a China nesses últimos tempos.

Eu sou um homem que acredita na relação humana. Talvez por ser essencialmente político, eu acredito que não é possível a gente fazer política se você não tiver um contato pessoal, o olhar no olho, o tocar de mão, o abraço, para que você possa construir, sentindo que tipo de química o ser humano que está diante de você tem e o que você pode construir a partir daí.

O Brasil, uma nação extraordinária, que durante muito tempo não teve noção do seu tamanho, não teve noção da sua importância, porque se permitiu ser tratado como um país de segunda categoria e como um povo de segunda classe. E não foram os outros que nos colocaram assim. Foi uma parte da elite política brasileira que ousou se tratar assim durante muito tempo.

Eu lembro, como se fosse hoje: dia 25 de janeiro de 2003 eu estava indo a Davos. Alguns falam “Davôs”. E muito por insistência do então ministro Furlan, que achava que eu deveria ir, viu, Miguel Jorge, naquele tempo, para poder ter contato com os grandes empresários do mundo... Porque Serra, Davos, naquele tempo, em 2003, vivia aquele cenário apoteótico. O mundo especulativo fazia daquilo a [rua] 25 de Março dos ricos, lá na Suíça. Eram milhares de pessoas transitando, negociando: Bill Clinton, George Soros e tantos outros. Era um desfile de megaempresários, de megaespeculadores, de



megaenganadores, de mega tudo o que a gente possa querer. Mas era tudo muito grande lá. Bill Gates e não sei das quantas... Naquele tempo o Furlan tinha saído da Sadia, era pintinho novo, era pequeno, diante da grandeza dos megas que iam lá.

E, na volta, eu voltei com a convicção de que o Brasil precisaria ter uma inserção na política internacional e mudar um pouco a geografia comercial. O Brasil não poderia ficar subordinado apenas à lógica da política americana ou à lógica da política da União Europeia. O Brasil precisaria se abrir para o mundo, com a sua grandeza.

Não sei da minha cabeça o primeiro encontro que... a primeira viagem que nós fizemos. Quando eu decidi viajar para o Mundo Árabe, em determinado setor das Comunicações no Brasil, tratavam aquilo como uma heresia: “O que o presidente Lula, representando o Brasil, vai visitar Dubai?” Está lembrado, Furlan? Gastamos, Miguel Jorge, US\$ 500 mil numa feira em Dubai, que foi um escândalo aqui no Brasil, por [para] alguns setores, um escândalo. Como é que nós poderíamos gastar US\$ 500 mil numa feira em Dubai? E ninguém, que criticou tanto os US\$ 500 mil, perguntou quanto aquela feira vendeu em Dubai, naquela noite. Ninguém perguntou quanto nós ganhamos.

O dado concreto é que nós saímos de uma balança comercial de apenas US\$ 8 bilhões por ano, para uma balança comercial de mais de US\$ 20 bilhões por ano com o Mundo Árabe. E viajamos, naquela ocasião, por volta de sete países. E mais constrangedor ainda foi descobrir que o último mandatário brasileiro a ter viajado pelos lugares que eu fui tinha sido o imperador Dom Pedro II, entre 1846 e 1875 ou 76. Significa que o mundo moderno, que a descoberta do avião, que os aviões a jato, que os Concorde não abriram a cabeça dos dirigentes brasileiros para descobrirem o mundo. A gente não viajava para a América do Sul, a gente não viajava para a América Latina, a gente não viajava para a África, e a gente não viajava para os Países Árabes.



A gente viajava para Nova Iorque, para Washington, para Londres, para Paris e para outros países europeus. Nós não tínhamos dimensão da importância que o Brasil tinha adquirido, nós não tínhamos dimensão do potencial de disputa mercadológica que o Brasil poderia ter com o mundo.

Quando nós tomamos essa decisão, o Brasil tinha uma balança comercial que dependia, praticamente, 30% dos Estados Unidos e 30% da Europa, e o restante era dividido com o mundo. Se nós não tivéssemos diversificado a nossa balança comercial, nós, nessa crise, teríamos afundado ou quase quebrado, porque depois da crise a nossa balança comercial com os Estados Unidos e com a Europa, mesmo tendo aumentado 20% ao ano... naquele tempo, que representava 30%, hoje representa apenas 14%. E onde cresceu? Cresceu com os africanos, cresceu com o Mundo Árabe, cresceu com a América Latina, cresceu com a América do Sul, cresceu com o Mundo Asiático; fora o Japão, que ainda se mantém pequena diante da grande relação que o Brasil tem com o Japão.

Então, as críticas eram infundadas. Mas, neste país, as pessoas que erram não têm coragem de fazer autocrítica e não reconhecem que erraram nunca, e não reconhecem que o Brasil estava certo de tomar a decisão de diversificar a sua relação comercial.

Mas isso não parou por aí. Vocês viram as críticas que eu recebi, agora, porque decidi visitar Israel, visitar a Palestina, visitar a Jordânia e marcar a minha agenda, em maio, para visitar o Irã. Todo mundo... A subserviência é de tal ordem que as pessoas acham que um acordo no Oriente Médio depende dos Estados Unidos ou depende da União Europeia. As pessoas não percebem que o acordo no Oriente Médio não acontece exatamente porque não se conversa com quem não quer a paz, não se conversa com todos os interlocutores que estão envolvidos no processo de discussão no Oriente Médio. Por exemplo, quem é que vai conversar com o Hamas, com o Hezbollah, quem vai conversar com a Síria, quem vai conversar com o Irã,



quem vai conversar com países que são aliados, de um lado, dos Estados Unidos, e, de outro lado, fornecem dinheiro para o Hamala [Hamas] comprar armas? Se nós não colocarmos todas as pessoas envolvidas em torno de uma mesa, e começarmos a discutir que tipo de paz nós queremos, e a gente deixar acontecer o que está acontecendo... há 50 anos, que não tem paz. É só para fotografia: fulano tira fotografia com sicrano, ganha prêmio Nobel da Paz com beltrano, e cada dia tem um probleminha a mais.

Eu acho, governador José Serra, ministra Dilma, presidente Temer, companheiros da Comunidade Árabe: não terá paz no Oriente Médio enquanto a gente não compreender que a ONU – que foi a instituição multilateral que criou o Estado de Israel – tem a responsabilidade de trabalhar pela questão da paz. Não é uma questão bilateral, é uma questão multilateral. A ONU teria que assumir as negociações, tomar as decisões e fazer cumprir. E eu não estou dizendo aqui na Comunidade Árabe, porque disse isso no Parlamento judeu na semana passada, porque disse lá em Belém para o presidente Abbas, e porque disse na Jordânia para o rei Abdullah. Eu não sou daqueles políticos que têm duas caras e dois discursos. Eu quero dizer que o problema está mal encaminhado.

Quando nós tentamos fazer a reunião em Annapolis, tentando envolver outros países, fora os tradicionais que (incompreensível) da paz no Oriente Médio, fizemos uma reunião e nunca mais aconteceu a segunda reunião. A paz no Oriente Médio não é... não depende do estado de espírito de um governo americano ou dos governos europeus. Ela é uma necessidade para a Humanidade viver em paz, para que palestinos, para que árabes e judeus vivam em paz no mundo.

Vocês já sabem a quantidade de críticas que eu tenho recebido porque tomei a decisão de receber o presidente Ahmadinejad e tomei a decisão de ir lá. Eu vou lá porque eu não quero que se repita no Irã o erro que se cometeu no Iraque, não quero que se repita no Irã. E no Irã... e no Iraque, aquela guerra



aconteceu por conta de duas grandes mentiras contadas à Humanidade. Primeiro, porque o Iraque não tinha armas químicas. As armas químicas que o Iraque teve foram dadas pelas grandes potências para poder jogar contra o Irã. Quem participava da agência que controlava armas químicas era um embaixador brasileiro, o Bustani, que hoje é embaixador na França, e ele dizia que não tinha armas químicas. Entretanto, as grandes potências criaram a mentira das armas químicas, inventaram... invadiram o Estado do Iraque, derrubaram e mataram o Saddam Hussein – que eu não tinha nenhum amor por ele. Entretanto, até agora a Humanidade está à espera de que alguém nos mostre quais as armas químicas que tinha no Iraque. Até agora ninguém mostrou absolutamente nada, e até agora não existem sinais de que o Iraque está mais tranquilo do que estava antes, porque as mortes lá estão acontecendo às dezenas, às centenas e aos milhares.

Nós, brasileiros, temos na nossa Constituição a proibição de utilizar armas nucleares. Não é uma vontade do Presidente da República, Serra. Você era constituinte junto comigo, Temer era constituinte quando a gente aprovou, na nossa Constituição, a não utilização de armas nucleares.

Portanto, eu não quero para o Irã nada mais do que eu quero para o Brasil. Mas quero que o Irã tenha o direito de enriquecer urânio para produzir energia elétrica, para cuidar da indústria farmacêutica, para produzir remédios. O que eu não posso ficar é... aceitar a ideia de que o Irã vai produzir armas nucleares porque aí o Brasil será contra, e vou lá para dizer ao presidente Ahmadinejad, em Teerã: sou contra você querer fazer armas nucleares, mas sou favorável a você enriquecer urânio, como o Brasil enriquece, para produzir energia elétrica. E eu tenho dito a todos os presidentes: não vamos tratar o Irã como se tratou o Iraque, porque o Irã não é apenas um país, é uma civilização. É preciso levar em conta. E eu sei que o Mundo Árabe tem muita gente, muita gente com razão, preocupada com o Irã e discordando do Irã. Eu sei disso. Eu sei quais são as preocupações de todos, até dos palestinos eu sei quais são as



preocupações. E nós precisamos juntar todas essas preocupações para dizer (incompreensível) para o presidente Ahmadinejad: Olhe, nós queremos paz, o mundo quer paz, e nós precisamos que o Irã também queira paz, que o Irã ajude na construção da paz entre Palestina e Israel, que a Síria ajude e que todos ajudem, porque ninguém pode ficar riscando palito de fósforos onde tem pólvora. É preciso ter juízo. O mundo precisa disso para se desenvolver.

E, quando eu tomei a decisão de visitar esses países, ah, como eu fui criticado: “Esse Lula, metido, o que ele pensa que ele é? O que ele pensa que ele é? Aquilo é coisa para os Estados Unidos, aquilo é coisa para não sei para quem”. Não é coisa para ninguém. Aquilo é coisa para quem acredita e tem uma vida praticando paz, e que quer conversar com aquele que é chamado de diabo e aquele que é chamado de deus, porque eu não acredito em um ser humano 100% bom e em um ser humano 100% ruim. Eu acredito que os dois têm um ponto de equilíbrio, que nós temos que encontrar para construir a paz total no Oriente Médio e no mundo.

Por isso que eu quero conversar, por isso que eu quero visitar outros países, por isso que eu quero desafiar: quem é que quer a paz, de verdade? Eu sei que o povo humilde quer, de todos os lados, mas não sei se toda a classe política quer, não sei se toda potência quer, porque tem muita gente silenciosa e eu não estou disposto a ficar silencioso. Se amanhã não der certo, eu encostarei a cabeça no travesseiro e direi: pelo menos eu... não consegui, mas também eu não me omiti. Eu trabalhei para construir a paz no Oriente Médio.

E o exemplo, o exemplo mais dignificante que eu carrego na vida é a convivência pacífica no meu país. Eu, quando vou visitar o Hospital Sírio-Libanês, eu encontro lá os médicos do Albert Einstein. Quando eu vou ao Albert Einstein, eu encontro os médicos do Sírio-Libanês. Isso poderia ser no mundo inteiro. Agora, quem viu o Muro sabe... eu, que lutei a vida inteira para derrubar o Muro de Berlim, Serra... um muro dentro de Israel, são 750



quilômetros passando por ruas, cercando. Não é uma coisa nobre para o século XXI, não é uma coisa nobre para o século XXI. Eu me senti dentro de uma eclusa, eu me senti dentro de uma eclusa, tanto para ir para a Palestina quanto para voltar. Você para num local, fecha as portas, você desce do carro, entra num outro carro, e aí você atravessa. Ou seja, é como se nós não estivéssemos vivendo num mundo civilizado, no século XXI! Onde está o grande aprendizado que esses homens que dirigem o mundo aprenderam na universidade? Será que essas pessoas não percebem que o ser humano não pode, não foi feito para involuir, mas sim para evoluir?

Então, eu queria dizer para vocês, nesta noite em que vocês me homenagearam tanto. Eu tenho mais sete meses de mandato, oito meses de mandato. Se vocês me perguntarem por que é que não fizemos muita coisa antes, é porque essas coisas não acontecem quando a gente quer. Essas coisas acontecem quando têm que acontecer. Na política é assim: as coisas acontecem quando têm que acontecer. E depois de nós conversarmos com tanta gente, eu posso dizer para vocês que o Brasil pode dar uma contribuição extraordinária para ajudar a construir a paz no Oriente Médio, porque eu acho que vocês merecem.

Eu conheço o Irã, conheço... ou melhor, conheço o Líbano, e Beirute é uma cidade maravilhosa, e a gente não pode ver Beirute ser destruída a cada dor de cabeça, a gente não pode conviver com isso.

E nós devemos muito a vocês, porque o povo árabe ajudou o Brasil a ser o que o Brasil é. Vocês ajudaram a economia brasileira, a cultura, a Medicina, a arte, vocês ajudaram. E vocês perceberam, no discurso do Serra, que ele terminou sendo o único estrangeiro aqui porque não tem a cara de árabe como eu tenho, não tem. Agora, de qualquer forma, nós o tratamos muito bem aqui, o tratamos muito bem, e já o consideramos meio árabe. Mais um discurso e virará árabe inteiro.

Um grande abraço. Muito obrigado pelo carinho e que Deus abençoe a



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

todos nós.

(\$211A)